

A guerra em Gaza

Brasil decide apoiar acusação contra Israel

Governo subscreeve denúncia por genocídio; Conib afirma que ação diverge da posição brasileira de 'equilíbrio e moderação'

FELIPE FRAZÃO
BRASÍLIA

O governo decidiu ontem subscreever a denúncia por "genocídio" contra o Estado de Israel, na Corte Internacional de Justiça, em Haia. Mais cedo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recebeu no Palácio do Planalto a visita do embaixador da Palestina em Brasília, Ibrahim Alzeben, que pediu o apoio brasileiro na corte internacional. A decisão é mais um gesto diplomático duro de repúdio do governo Lula a Israel e foi criticada pela comunidade

de judaica brasileira.

"À luz das flagrantes violações ao direito internacional humanitário, o presidente manifestou seu apoio à iniciativa da África do Sul de acionar a Corte Internacional de Justiça para que determine que Israel cesse imediatamente todos os atos e medidas que possam constituir genocídio ou crimes relacionados nos termos da Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio", disse o governo, em nota divulgada pelo Itamaraty.

A Confederação Israelita do Brasil (Conib) condenou o apoio brasileiro ao que chamou de ação "cínica e perversa, que visa impedir Israel de se defender dos seus inimigos genocidas". A nota afirma que a decisão "diverge da posição de equilíbrio e moderação da política externa brasileira". O texto segue dizendo que a África



Prédio palestino destruído em ataque de Israel em Rafah, em Gaza

"O presidente manifestou seu apoio à iniciativa da África do Sul de acionar a Corte Internacional de Justiça para que determine que Israel cesse imediatamente todos os atos e medidas que possam constituir genocídio"

Trecho de nota do Itamaraty

ca do Sul "inverte a realidade" e lembra que o conflito foi desencadeado pelo ataque do Hamas. "O conflito atual começou depois das atrocidades dos terroristas do Hamas contra a população de Israel, que matou indiscriminada e barbaramente mais de 1.200 pessoas, no ataque mais mortal contra o povo judeu desde o Holocausto", disse a Conib na nota.

POSICIONAMENTO. Lula já tinha dado diversas declarações controversas a respeito da resposta militar de Israel, o que provocou desgaste diplomá-

co. O presidente já vinha usando a palavra "genocídio" para descrever a guerra em Gaza e chegou a comparar os ataques do Hamas às incursões e bombardeios promovidos pelas Forças de Defesa de Israel. Ao receber o primeiro grupo de brasileiros repatriados de Gaza, Lula acusou Israel de também praticar "terrorismo".

Após o encontro, o embaixador relatou o pedido a Lula, mas disse que o presidente não manifestara uma decisão durante a audiência. A denúncia sul-africana, protocolada em dezembro, já recebeu apoio de países como a Bolívia. Também participaram o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, e o assessor especial Celso Amorim.

Segundo o embaixador, que se disse "muito satisfeito", a Palestina pediu também ajuda humanitária imediata a Gaza e Cisjordânia, e ainda solicitou a defesa de um cessar-fogo.

Segundo o Palácio do Planalto, o presidente disse ao embaixador que o Brasil condenou os ataques terroristas do Hamas, em 7 de outubro do ano passado. "Reiterou, contudo, que tais atos não justificam o uso indiscriminado, recorrente e desproporcional de força por Israel contra civis", afirmou o governo. ●

Mísseis contra navios comerciais são derrubados por EUA e Reino Unido

WASHINGTON

Os Estados Unidos e o Reino Unido comunicaram ontem que navios de guerra derrubaram um conjunto de drones e mísseis disparados de áreas controladas pelo grupo rebelde houthi, do Iêmen, contra embarcações comerciais no Mar Vermelho. Segundo o comunicado, 18 drones, 2 mísseis de cruzeiro e 1 míssil balístico anti-

navio foram neutralizados.

Segundo os governos americano e britânico, o grupo tem o objetivo de interromper o tráfego do comércio global na região em protesto contra a guerra de Israel, que enfrenta o grupo terrorista Hamas na Faixa de Gaza. A interceptação usou caças F/A-18, que saíram do porta-aviões americano Dwing D. Eisenhower. Foram usados ainda outros quatro navios de guerra, entre

eles o contratorpedeiro da Marinha britânica Diamond. Nenhum ficou ferido, de acordo com as autoridades.

Na semana passada, os Estados Unidos e aliados emitiram um ultimato aos houthis exigindo o fim dos ataques. Conforme as autoridades americanas, as investidas ocorrem quase diariamente e afetam o transporte marítimo das rotas que conectam o Oceano Índico ao Canal de Suez.

Os ataques forçam as maiores companhias de navegação do mundo a redirecionar navios para outros trajetos, causando atrasos e custos extras que refletem em alta de preços de produtos como o petróleo. Os rebeldes, porém, prometem continuar com a ofensiva.

ESTRATÉGIA. Até o momento, os EUA evitaram atacar as bases houthis no Iêmen, em grande parte para não minar a trégua da guerra civil do país, que começou em 2014 e foi interrompida no ano passado em razão de um acordo entre Irã e Arábia Saudita, mediado pela China. Os EUA temem que qualquer desestabilização

arraste o Oriente Médio para um conflito mais amplo.

Em viagem a Tel-Aviv, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, afirmou que se a ofensiva continuar haverá "consequências". "Estamos

Arsenal neutralizado
Drones, mísseis de cruzeiro e míssil balístico foram derrubados na operação no Mar Vermelho

determinados, novamente, para não termos escalada, para não termos o conflito espalhado, e deixamos isso muito claro", disse Blinken. ●

CONTEÚDO DE
QUALIDADE
QUE GERA NEGÓCIOS
PARA PEQUENAS E
MÉDIAS EMPRESAS

SAIBA MAIS EM: bse.estadao.com.br



PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com +1 604 278 8604
Circulation Information for PressReader Ltd

pressreader